



Torto Arado e a perspectiva de segunda pessoa

Torto Arado and the second person perspective

Juliana de Orione Arraes Fagundesⁱ
Universidade Estadual de Santa Cruz
Valdomiro Alves Pereiraⁱⁱ
Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo: O presente artigo tem como principal determinação, a partir do enredo da obra *Torto Arado*, estudar a pertinência de uma perspectiva de segunda pessoa para a compreensão do mental. Partindo da referida obra, abordamos as perspectivas de primeira e de terceira pessoa, identificando, em seguida, a perspectiva de segunda pessoa, juntamente com sua relevância na explicação da comunicação que ocorre entre as personagens do romance. Estes dois primeiros passos são relevantes para que seja possível perceber as diferenças e semelhanças entre cada uma das perspectivas e para evidenciar a maneira como *Torto Arado* demonstra a centralidade da perspectiva de segunda pessoa. Na parte final do artigo argumenta-se que a perspectiva de segunda pessoa é a única que possibilita uma explicação para todas as formas de comunicação humana pois, entre outros fatores, ela é a base de uma linguagem complexa e articulada, assim como ela admite a possibilidade de conhecer os estados mentais de outras pessoas de forma direta, sem a necessidade de recorrer a simulações nem a interpretações dentro de nossas mentes.

Palavras-chave: perspectiva de segunda pessoa; *Torto Arado*; psicologia de senso comum.

Abstract: This paper have as main purpose, based on the plot of *Torto Arado*, to study the relevance of a second-person perspective for understanding the mental. Starting from the aforementioned novel, we approach the first and third person perspectives, identifying, ahead, the second person perspective, together with its relevance in the explanation of the communication that occurs between the characters of the novel. These first two steps are relevant to make it possible to perceive the differences and similarities between each of the perspectives and to highlight the way in which *Torto Arado* demonstrates the centrality of the second-person perspective. In the final part of the paper, it is argued that the second-person perspective is the only one that allows an explanation for all forms of human communication because, among other factors, it is the basis of a complex and articulated language, as well it admits the possibility of knowing the

mental states of other people directly, without the need to resort to simulations or interpretations inside our minds.

Keywords: second person perspective; *Torto Arado*; folk psychology.

Introdução

O romance *Torto Arado*, do escritor baiano Itamar Vieira Junior, se tornou sucesso de vendas e de crítica, ganhando vários prêmios, devido à sua narrativa, capaz de envolver quem o lê em um incessante avanço de suas páginas. Pretende-se aqui, a partir do exemplo do enredo de *Torto Arado*, estudar a pertinência de uma perspectiva de segunda pessoa para a compreensão do mental. Verifica-se que a questão da construção da subjetividade das personagens a partir das suas relações de comunicação aparece ao longo de todo o livro. Porém, nem sempre essa comunicação ocorre por meio de uma linguagem articulada e complexa, as sutilezas dos olhares e dos movimentos corporais observados ou apenas sentidos são constantemente destacadas pelo autor.

Para que se construa uma ideia do que vêm a ser os elementos pré-linguísticos na construção da comunicação e da subjetividade, serão utilizadas algumas passagens do romance, de modo a exemplificar os conceitos e atingir uma melhor compreensão do enlace entre linguagem e mente. Traz-se como objeto de análise o tipo de comunicação única que nasce entre as duas irmãs, Bibiana e Belonísia, após a ocorrência de um acidente que leva uma das personagens a perder a voz. O livro de Itamar Vieira Junior apresenta duas leituras distintas do acidente, destacando como duas pessoas, ao presenciar o mesmo evento, são capazes de perceber aspectos distintos e tirar diferentes conclusões. Cada uma das personagens apresenta o evento a partir de sua própria perspectiva.

As alegorias, experimentos de pensamento e analogias têm desempenhado um importante papel no trabalho filosófico. Em uma linguagem dennettiana, eles são “bombas de intuição”¹ que permitem uma ampliação do pensamento e da imaginação, podendo trazer clareza e eficiência ao trabalho filosófico se forem bem conduzidas (DENNETT, 2013).

¹ Do original: “*intuition pump*”. Não se trata de um explosivo, mas de uma bomba que aumenta e leva adiante a força de algo, como um instrumento para bombear água.

Dennett (1990), argumenta que o exercício de interpretar “textos, pessoas e outros artefatos”² é, no fim das contas, o mesmo exercício e envolve atribuição de intencionalidade. Por exemplo, para ler um texto, é preciso atribuir intencionalidade ao seu autor, para interpretar um romance, atribui-se intencionalidade às personagens. A relação entre as personagens do romance permite tomá-las como exemplo na compreensão da nossa própria experiência de atribuição de estados mentais. Nesse sentido, embora Dennett seja um autor que defende uma abordagem de terceira pessoa, o romance funcionará como bomba de intuição para o estudo das perspectivas de segunda e de terceira pessoas.

Considerando a obra *Torto Arado* como “bomba de intuição”, seriam as perspectivas de primeira e/ou terceira pessoas suficientes para explicar a interação entre as personagens do romance? Alternativamente, é necessário adotar uma perspectiva de segunda pessoa para uma compreensão do que se passa na comunicação e na construção da subjetividade das personagens?

Desta forma, no primeiro momento deste trabalho serão abordadas brevemente as perspectivas de primeira e de terceira pessoa. Num segundo momento, será exposta a perspectiva de segunda pessoa juntamente com algumas citações do romance. Estes dois primeiros passos são relevantes para que seja possível perceber as diferenças e semelhanças entre cada uma das perspectivas e para evidenciar a maneira como *Torto Arado* demonstra a centralidade da perspectiva de segunda pessoa.

No terceiro e último momento, argumentaremos que a perspectiva de segunda pessoa é a única que possibilita uma explicação plausível para todas as formas de comunicação humana pois, entre outros fatores, (1) ela não é baseada em uma linguagem complexa e articulada, diferente da perspectiva de terceira pessoa e (2) admite a possibilidade de conhecer os estados mentais de outras pessoas de forma direta e não somente devido à simulações dentro de nossas próprias mentes.

Os olhares de primeira e de terceira pessoa

² Considere-se que, na perspectiva de Dennett, as estruturas resultantes do processo evolutivo são resultados de uma acumulação de projetos sem projetistas. A evolução responde a problemas específicos e locais por meio da seleção natural e é isso que gera essa acumulação e complexificação das estruturas evolutivas. Assim, para compreender o processo evolutivo, ele propõe uma atribuição de intencionalidade à evolução, o que o leva ao controverso adaptacionismo (DENNETT, 1990, p.187). Para uma famosa e importante crítica ao projeto adaptacionista, ver Gould; Lewontin, 1979.

É preciso definir um ponto de vista para que possamos estudar o mental. Se quisermos uma abordagem compatível com as ciências, esse ponto de vista deverá se colocar em uma posição objetiva³. As linguagens são publicamente constituídas, são algo que compartilhamos. Ainda que existam interpretações e leituras individuais, isso não impede que possamos nos comunicar e compreender as diferentes formas de olhar para o mundo.

Por outro lado, há pessoas⁴ que defendem a existência de algo incompartilhável dentro do sujeito. O que chamamos acima de interpretações e leituras individuais, sob esse olhar, ganha uma dimensão maior, torna-se algo realmente restrito à subjetividade, algo que não se expressa objetivamente, inalcançável por qualquer perspectiva compatível com as ciências. De acordo com essa abordagem, por mais que se desenvolvessem estudos científicos acerca do cérebro, do comportamento, da linguagem e dos mais diversos temas aparentemente relevantes para uma compreensão do mental, esses estudos permaneceriam incapazes de alcançar o que realmente importa para uma compreensão da mente, algo a que somente o sujeito poderia ter acesso.

Esse olhar subjetivista para o mental é o chamado de primeira pessoa⁵. Durante o período moderno, essa perspectiva foi enfaticamente adotada, pois o sujeito era considerado central na construção do conhecimento, principalmente graças à influência cartesiana. Porém, a partir da segunda metade do século XX, com o trabalho de Sellars (1956), Wittgenstein (1953) e Ryle (1949), entre outros, a possibilidade de se estudar o mental de um modo mais compatível com as ciências começa a encontrar adeptos. Desse modo, para o estudo do mental, houve um extenso debate acerca de qual perspectiva seria mais

³ As questões históricas, políticas, econômicas e culturais de um modo geral que influenciam as pesquisas científicas também estão no campo da objetividade, por mais que tenham contornos indefinidos. Todas essas questões são construídas na interação humana, não são questões puramente do mundo privado do sujeito. Vale notar que objetividade, da maneira como entendemos aqui, não é sinônimo de imparcialidade nem neutralidade, mas é construção humana, cheia de imperfeições e influências altamente contingentes.

⁴ Por exemplo: Chalmers (1996); Nagel (2005); Jackson (1986).

⁵ A adoção de um ponto de vista de primeira pessoa gera alguns entraves filosóficos (ver: Fagundes, 2018). Um deles é o chamado ceticismo acerca das outras mentes. Apresentado de forma bem simples, o problema é que, se só o sujeito tem acesso ao mental, como podemos saber se os outros também têm mente? Aliás, esse ceticismo pode ainda se ampliar: como podemos saber se existe um mundo externo, se existem as outras pessoas? Mas essa dúvida é muito contra-intuitiva. Como nos lembra Silva Filho (2002, p.161), é apenas no contexto do diálogo que podemos falar sobre ceticismo, e a linguagem não é algo que possamos aprender olhando para dentro. Ela é pública. Wittgenstein (1953/1979) apresenta o influente argumento da linguagem privada para compreendermos esse ponto: o vocabulário acerca dos estados mentais é publicamente constituído e a própria ideia de uma linguagem restrita ao sujeito é incoerente.

apropriada, se a de primeira ou a de terceira pessoa. Por outro lado, muito pouco se falou sobre a perspectiva de segunda pessoa.

Em relação à perspectiva de terceira pessoa, ela se sustenta sobre a nossa psicologia de senso comum. O ponto sobre o qual os defensores de uma perspectiva de terceira pessoa se apoiam é a atribuição de estados mentais. Ela tem fundamentado a maior parte das perspectivas em ciências cognitivas, mesmo porque as ciências não podem se apoiar em subjetivismo. Portanto, essa perspectiva tem a vantagem de compatibilizar pesquisas científicas e filosóficas. Nossa espécie tem como característica se relacionar com os outros a partir de uma atribuição a eles de estados internos, como emoções, sensações, pensamentos e crenças. Conforme Perez:

No se puede negar que hay una manera peculiar en la que comprendemos, describimos, explicamos y predecimos las acciones de nuestros congéneres, manera que es característica de nuestra especie. Estas capacidades y habilidades que nos permiten conectarnos de esta manera peculiar constituyen lo que suele denominarse "psicología folk" (PÉREZ, 2013, p.31, aspas do original)⁶.

A psicologia de senso comum, portanto, é a capacidade que temos de considerar os outros como portadores de estados mentais. Alguns autores a chamam de "teoria da mente", pois para explicar e prever o comportamento das pessoas, atribuímos a elas estados mentais não observáveis. Porém, o termo "teoria" carrega uma carga linguística, e essa atribuição de estados mentais é arraigada em nossa psicologia, ela é automática e não é proposicional. Assim, o termo "psicologia de senso comum" é mais amplo. Já o termo "teoria da mente" é mais restrito, refere-se a uma maneira particular de se explicar a psicologia de senso comum. De acordo com Dennett:

Some researchers like to call folk psychology "theory of mind" (or just TOM), but this strikes me as misleading, since it tends to prejudge the question of how we manage to have such a talent, suggesting that we have, and apply, a theory. In a similar spirit, we would have to say that you have a bicycle theory if you know how to ride a bicycle, and it's your nutrition theory that accounts for your ability to avoid starving to death and refrain from eating sand. This doesn't strike me as a useful way of thinking about these competences. Since everybody agrees that we have the interpretive talent, and everybody does not agree about how we manage to be so competent, I think it's best to keep

⁶ Não se pode negar que há uma maneira peculiar na qual compreendemos, descrevemos, explicamos e predizemos as ações de nossos congêneres, maneira que é característica de nossa espécie. Essas capacidades e habilidades que nos permitem conectarmo-nos dessa maneira peculiar constituem o que geralmente se denomina de "psicologia de senso comum" (PÉREZ, 2013, p.31, tradução nossa, aspas do original).

"theory" out of it and to use a somewhat more neutral term for the time being. Academic or scientific psychology is also in the business of explaining and predicting the minds of others, and it really does have theories: behaviorism, cognitivism, neurocomputational models, Gestalt psychology, and a host of others. Folk psychology is a talent we excel in without formal education (DENNETT, 2013, p.74-75, aspas do original)⁷.

Em uma perspectiva de terceira pessoa, o ponto de partida para um filósofo lidar com as questões referentes ao mental não seria olhar para dentro de si mesmo, mas para as atribuições de estados mentais aos outros. É como se a psicologia de senso comum, essa habilidade que está na raiz da capacidade humana de se relacionar e de se tornar um animal com linguagem complexa e articulada, fosse o que nos leva a constituir uma mente subjetiva. De acordo com essa concepção, a subjetividade nasce do olhar para o outro e a perspectiva apropriada para se estudar o mental, portanto, seria a de terceira pessoa.

É comum os filósofos da mente adotarem ou uma perspectiva de primeira ou de terceira pessoa, considerando uma delas privilegiada para se fazer pesquisa acerca do mental. De acordo com Gomila e Perez (2018), nós usamos a perspectiva de terceira pessoa para lidar com os objetos físicos. Para lidar com pessoas, podemos usar ambas as perspectivas. Eles dão o exemplo de um diabético que pode saber como está sua glicemia medindo-a com um aparelho, mas também pode ter uma sensação de desfalecimento se estiver com a glicemia baixa. Essa experiência da sensação de desfalecimento, segundo eles, provém de uma perspectiva de primeira pessoa.

Frequentemente, as noções de primeira e de terceira pessoa são aplicadas a teorias sobre atribuições de estados mentais. De acordo com Perez (2018, p.79-80), há dois tipos de respostas comuns à questão sobre como acessamos os estados mentais alheios. Para uma delas, nós fazemos uma simulação dos estados mentais dos outros em nossos sistemas cognitivos. Nesse caso, o conhecimento de primeira pessoa seria anterior à atribuição de

⁷ Alguns pesquisadores gostam de chamar psicologia de senso comum de "teoria da mente" (ou apenas TOM), mas isso me parece enganoso, uma vez que isso tende a prejulgá-la a questão de como nós conseguimos ter um tal talento, sugerindo que nós temos, e usamos, uma teoria. Em um espírito similar, nós teríamos que dizer que você tem uma teoria da bicicleta se você sabe como andar de bicicleta, e é a sua teoria da nutrição que explicaria sua habilidade de evitar morrer de fome e evitar comer areia. Isso não me parece uma maneira útil de pensar sobre essas competências. Uma vez que todos concordam que nós temos o talento interpretativo, e todas as pessoas discordam sobre como nós conseguimos ser tão competentes, eu penso que é melhor manter o termo "teoria" fora disso e usar um termo um pouco mais neutro por enquanto. A psicologia acadêmica ou científica também estão no negócio de explicar e prever as mentes dos outros, e ela realmente tem teorias: behaviorismo, cognitivismo, modelos neurocomputacionais, psicologia Gestalt e uma série de outras. A psicologia de senso comum é um talento em que nós nos destacamos sem educação formal (DENNETT, 2013, p.74-75, tradução nossa, aspas do original).

estados mentais. Conforme a outra resposta, nós somos naturalmente dotados da capacidade de atribuir estados mentais, de modo que podemos compreender essa capacidade por meio dos métodos objetivos das ciências cognitivas. Nesse caso, a perspectiva de terceira pessoa seria privilegiada para uma compreensão dos estados mentais.

Compreendidas as perspectivas de primeira e de terceira pessoas, a questão aqui é: Qual seria a perspectiva apropriada para abordarmos a mente? Esse é um debate que fundamenta a ortodoxia da filosofia da mente no século XX e possui raízes no dualismo cartesiano, uma vez que o argumento cartesiano é estruturado sobre um “eu” subjetivista, abstrato, identificado primeiramente com o pensamento⁸.

A relação entre linguagem e mente fundamenta a argumentação dos autores que adotam uma perspectiva de terceira pessoa. O problema é que eles parecem esconder sob o tapete os estados mentais não linguísticos, as mentes das crianças pré-linguísticas e dos animais não humanos. É como se uma mente de verdade, plenamente constituída, precisasse ser linguística. Reconhecemos a importância de todo o desenvolvimento filosófico que foi feito sobre os aspectos linguísticos do mental. A partir dele, podemos ter uma compreensão mais aprofundada da permeabilidade entre subjetividade e objetividade, melhor compreendida quando olhamos para a linguagem humana, complexa e articulada, pois ao mesmo tempo em que ela é aprendida publicamente, constitui os nossos estados mentais proposicionais como pensamentos, desejos e crenças. Mas será que estados mentais não linguísticos podem dizer algo novo e importante sobre o mental?

Torto Arado: primeira e terceira pessoas

⁸ Por um lado, se o estudo do mental for feito por uma perspectiva de primeira pessoa, precisará enfrentar as questões do ceticismo. Por outro lado, se for feito por uma perspectiva de terceira pessoa, precisará enfrentar o problema da autoridade de primeira pessoa, pois é bastante intuitiva a ideia de que o sujeito possui uma experiência interna que não é totalmente acessível para as outras pessoas. Quem sabe dos meus desejos e dos meus pensamentos sou eu. Vale notar que Davidson (1990) procura conciliar a autoridade de primeira pessoa com uma perspectiva de terceira pessoa. Para ele os estados mentais são pressupostos em qualquer relação de comunicação, de modo que, sem isso, não haveria linguagem nem mente. Para Davidson, há uma assimetria entre a autoridade de primeira pessoa acerca dos seus estados mentais e o conhecimento que possuímos da mente das outras pessoas. Porém, essa assimetria não impede que tenhamos acesso às mentes alheias por meio da atribuição de estados mentais. E é possível, inclusive, que uma atribuição externa seja mais precisa do que uma auto-atribuição de estado mental.

Em alguns momentos, devido a grande parte do romance se dedicar à narração feita por apenas uma das personagens, pode parecer que a obra favorece a adoção de uma abordagem de primeira pessoa do mental⁹. Contudo, quando acontece a primeira mudança de narradora da história, e a segunda irmã passa a contar o que aconteceu no passado, duas ideias ficam evidentes: (1) alguns dos fatos narrados pela primeira irmã são repetidos pela segunda irmã; e (2) a segunda irmã, ao descrever os mesmos acontecimentos do passado, destaca pontos diferentes do mesmo evento.

Esta segunda ideia evidenciada se torna relevante porque a partir deste fato é possível afirmar que há algo de objetivo ancorando as narrativas de cada personagem, pois mais de uma pessoa narra o mesmo fato. Porém também há algo de subjetivo, pois as percepções do evento são levemente diferentes, dependendo da pessoa que presenciou o acontecido.

Apesar disso, observa-se que as personagens principais do livro, as irmãs Bibiana e Belonísia, possuem uma percepção razoavelmente transparente dos estados mentais uma da outra, como se pode verificar no trecho:

Seus lábios ficaram tingidos de vermelho, não sabia se tinha sido a emoção de sentir a prata, ou se, assim como eu, tinha se ferido, porque dela também escorria sangue. Tentei engolir o que podia, minha irmã também esfregava rápido a mão na boca com os olhos marejados e apertados, *tentando afastar a dor* (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.15-16, grifos nossos).

Nesse trecho, uma irmã percebe que a outra sente a dor. Há uma clareza acerca do que a outra sente. É um trecho que narra o momento em que uma delas perde a língua. A partir desse momento, esta deixa de falar e a outra se torna porta-voz da primeira. Para isso, é necessário uma compreensão da mente da irmã que vai além do discurso.

Por outro lado, o trecho demonstra também que pode haver dúvida acerca do que a outra está sentindo. Os estados mentais de uma não estão completamente disponíveis para a outra, mas o estão em grande medida. Uma perspectiva de primeira pessoa não permitiria uma compreensão de eventos dessa envergadura, pois ela tornaria a compreensão do mental muito restrita a partir das experiências subjetivas. Ela se torna obsoleta e incapaz de explicar o que está posto na obra de Itamar Vieira Junior. Também, se há subjetividade, é necessário haver uma leitura dos estados mentais alheios para que se construam as narrativas, mas a

⁹ Assim como Dom Casmurro, de Machado de Assis (ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Jandira: Principis, 2019.), a narrativa pode criar uma dúvida sobre a veracidade dos fatos, pois talvez estes se passem apenas na mente de uma pessoa.

perspectiva de primeira pessoa não tem esse espaço. Por isso, conclui-se que existe a necessidade de outra abordagem do mental para que seja possível compreender os estados mentais expostos neste trecho da obra.

Continuando, já que a abordagem de primeira pessoa se mostrou insuficiente, é preciso saber se a perspectiva de terceira pessoa é capaz de satisfazer as necessidades apresentadas. Em geral, as abordagens a partir de terceira pessoa consideram que as atribuições de estados mentais são feitas para que possamos dar sentido ao comportamento alheio. Assim, nesse ponto de vista, os estados mentais são inferências que fazemos sobre algo que não é observável, a partir do comportamento observável. A perspectiva de terceira pessoa enfatiza, além disso, uma linguagem complexa e articulada, de um vocabulário comum, público e ancorado no mundo externo por processos de triangulação (esses processos começam a ocorrer antes do desenvolvimento de uma linguagem articulada). A ênfase da perspectiva de terceira pessoa é nos estados mentais como crenças e desejos, que possuem conteúdo proposicional.

Ao que parece, estes parâmetros exigidos pela perspectiva de terceira pessoa não são observados na interação descrita na citação anterior. A comunicação baseada em uma linguagem complexa e articulada é a que mais aparece nos diálogos de *Torto Arado*, porém ela não é a única nem a mais destacada. Na história contada no romance há um segundo tipo de comunicação que é de grande valor para a vida das personagens, a saber: a comunicação silenciosa que acontece entre Bibiana e Belonísia.

Ali, naqueles diálogos entre as irmãs, acontece uma conversa que não se utiliza de palavras, baseada apenas em gestos, expressões e olhares, sem vocalização ou escrita, de maneira que uma personagem reage diretamente aos sentimentos da outra. A perspectiva de terceira pessoa não é capaz de explicar isso porque o conhecimento que uma tem dos estados mentais da outra é direto, não é inferencial. Os estados mentais que permitem esse tipo de interação não são proposicionais. A ênfase na expressão emocional é crucial para que seja possível haver essa compreensão entre as personagens.

A abordagem de terceira pessoa falta abrangência, ela não captura o ponto principal, o entendimento dos estados mentais de outras pessoas a partir da leitura corporal durante a interação.

There is good scientific evidence to support the developmental claim that around the age of four children come to recognize that others are capable of

having beliefs different from their own. Prior to this, however, the basis for human interaction and for understanding others has already been laid down by certain embodied practices — practices that are emotional, sensory-motor, perceptual and nonconceptual. I want to suggest that these embodied practices constitute our primary access for understanding others, and continue to do so [...] (GALLAGHER, 2001, p.85)¹⁰.

Resta agora saber se a perspectiva de segunda pessoa é capaz de abarcar os pontos onde as outras duas abordagens do mental falharam.

Torto Arado e a perspectiva de segunda pessoa

Ao lermos a narrativa do romance *Torto Arado* identificamos, nos diálogos e nas interações das personagens, muitas formas de comunicação, como a “fala” nas conversas ou a “escrita” nas cartas e bilhetes. Essas são formas de comunicação comumente caracterizadas pela utilização das palavras. No entanto, há na narrativa uma comunicação que não se utiliza de palavras e que pode ser perfeitamente entendida tanto pelas personagens quanto pelas pessoas que fazem a leitura da obra.

Este tipo de comunicação já fica evidente logo nas primeiras páginas do romance, mesmo antes de podermos saber do que trata a obra ou de definir quem são as personagens envolvidas na trama. Por exemplo, Ao lembrar uma brincadeira infantil, meio que uma travessura de duas crianças, uma das personagens principais, narra o seguinte: “Ao percebermos nossa avó se afastar da casa pela lateral do terreiro, *nos olhamos em sinal de que o terreno estava livre*” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.13, grifo nosso).

Na mesma página, temos ao menos mais um exemplo ao lermos: “Minha avó, em particular, *só precisava nos olhar com firmeza para sentirmos a pele arrepiar e arder*, como se tivéssemos nos aproximado de uma fogueira” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.13, grifo nosso).

Observando estas duas citações, podemos perceber que a comunicação sem palavras - neste caso específico, através do olhar - é bastante comum, acontece em vários momentos e com muitas personagens. Esta comunicação que se dá apenas com poucos gestos e

¹⁰ Existem boas evidências científicas que apoiam a afirmação desenvolvimental de que por volta dos quatro anos as crianças reconhecem que os outros são capazes de ter crenças diferentes das delas. Anterior a isso, contudo, a base para a interação humana e para entendimento dos outros já foi assentada por certas práticas corporificadas - práticas que são emocionais, sensoriais-motoras, perceptuais e não conceituais. Eu quero sugerir que essas práticas corporificadas constituem o nosso acesso primário para entender os outros [...] (GALLAGHER, 2001, p.85, tradução nossa).

expressões, muitas vezes imperceptíveis para outras pessoas no mesmo ambiente, é o que caracteriza a perspectiva de segunda pessoa.

Se os seres humanos apresentassem apenas estados mentais privados, totalmente inacessíveis a outras pessoas, como seria possível compreender um “sinal de que o terreno estava livre” apenas com um olhar, ou como explicar a sensação de a pele arrepiar e arder apenas com a “firmeza”? Estes olhares citados são capazes de mostrar todo o desejo da criança de explorar o desconhecido e toda a autoridade de uma avó que repreende o comportamento travesso das netas.

Como explicado anteriormente, as perspectivas de primeira e de terceira pessoas, não são capazes de explicar esse tipo de comunicação. Os estados mentais destacados do romance precisam ser aqui compreendidos como algo constituído também pelas práticas corporificadas¹¹ das outras pessoas com quem nos relacionamos, sem envolver necessariamente uma linguagem articulada.

A perspectiva de segunda pessoa do mental consegue atender a estas necessidades devido principalmente à sua capacidade de abranger as atribuições mentais mais básicas e práticas, de maneira que os seres humanos reagem aos estados mentais uns dos outros automaticamente. Segundo Pérez, elas, as atribuições mentais de segunda pessoa, são “[...] *las más básicas filogenética, ontogenética y conceptualmente*” (PÉREZ, 2022, p.10)¹².

No desenvolvimento cognitivo humano, a perspectiva de segunda pessoa é anterior à aquisição de uma linguagem pública. Nas interações diretas, as crianças pequenas têm suas emoções alteradas conforme o estado emocional das outras pessoas. As pesquisas em psicologia cognitiva (Meltzoff; Moore *apud* Pérez, 2013) demonstram que os bebês imitam expressões faciais dos cuidadores desde que nascem. Com isso, começam a formar uma base para a conceitualização das emoções. Apenas aos nove meses é que a criança começa a exibir mecanismos de atenção conjunta, quando olham para uma pessoa e para um objeto alternativamente, formando as primeiras relações de triangulação, também anteriores à linguagem. Nesse sentido é que a perspectiva de segunda pessoa é anterior ontogenética e conceitualmente.

Em relação à anterioridade filogenética da perspectiva de segunda pessoa, se encontramos algum traço comum entre humanos e chimpanzés, é bastante razoável supor

¹¹ Conferir Gallagher, 2001.

¹² [...] as mais básicas filogenética, ontogenética e conceitualmente (PÉREZ, 2022, p.10, tradução nossa).

que esse traço não apareceu independentemente em cada uma das espécies, mas estava presente em nosso ancestral comum. Tomasello (2014) argumenta por meio de pesquisas em etologia que os primatas não humanos estabelecem entre si relações de atenção conjunta e triangulação. Ora, se Pérez está correta em afirmar que o vínculo emocional de segunda pessoa é anterior à triangulação na ontogenia humana e a fundamenta, faz sentido transpor isso para o caso dos primatas não humanos. Daí que as interações de segunda pessoa já estavam presentes também em nosso ancestral comum.

A abordagem de segunda pessoa admite um ponto de vista de terceira pessoa em que os estados mentais podem ser percebidos devido à existência de um conjunto de conhecimentos, público e externo ao ser humano, passível de ser acessado pelas pessoas envolvidas em um evento, uma conversa ou uma interação qualquer. Mais que isso: admite-se que o acesso a este conjunto de estados mentais faz com que os interlocutores sejam capazes de perceber e reagir instintivamente aos estados mentais alheios, apresentando como resposta a mudança dos estados mentais das outras pessoas presentes.

A perspectiva de segunda pessoa se utiliza de interações diretas, “cara-a-cara”, sem necessidade de triangulação (exigida pela perspectiva de terceira pessoa), fazendo com que a alteração do estado mental de um interlocutor seja promovida diretamente pela alteração do estado mental do outro. Um dos exemplos retirados da obra *Torto Arado*, quando a narradora afirma sentir a pele arder devido à intensidade de um olhar, ilustra muito bem o tipo de interação o qual apenas uma abordagem de segunda pessoa do mental é capaz de explicar. Este tipo de comunicação está relacionado à expressão das emoções. Ou seja, grande parte dos estados mentais de outras pessoas estão acessíveis a seus interlocutores não de forma inferencial, mas diretamente. Ainda mais: estes sinais, por vezes, são involuntários, e a pessoa não é capaz de escondê-los.

De acordo com Pérez (2013, p.121-122) as características de segunda pessoa resumem-se em: (a) interação direta cara-a-cara; (b) a expressão corporal é sentida como significativa (sem necessidade de interpretação); (c) reciprocidade: o seu estado mental é alterado pelo alheio e vice-versa; (d) o tipo de estado mental que serve como melhor exemplo é a emoção (não a atitude proposicional nem a sensação); (e) depende de que o sujeito possua emoções; (f) as emoções dos sujeitos envolvidos em atribuições de segunda pessoa não são necessariamente as mesmas; (g) não se trata de estados mentais sobre estados mentais, a

relação é causal¹³; (h) envolve ações emocionais, como alterações na expressão facial; (i) não é preciso uma triangulação, mas uma relação linear; (j) não requer linguagem complexa e articulada.

O evento do acidente se mostra importante pois é um dos acontecimentos que será lembrado durante toda a trajetória do livro, se tornando uma referência para o entendimento do que se segue. Após o acidente as irmãs se tornam muito mais íntimas, de modo que sua aproximação chega ao ponto de parecerem uma só. Devido a essa forte conexão, Bibiana e Belonísia desenvolvem uma comunicação própria.

O surgimento desta comunicação única entre as irmãs é narrado brevemente, de maneira simplória, mas contém grande significado para o desenvolvimento deste trabalho. Sobre este momento, uma das irmãs diz:

Quando retomamos as brincadeiras, havíamos esquecido as disputas, agora uma teria que falar pela outra, uma seria a voz da outra. Deveria se aprimorar a sensibilidade que cercaria aquela convivência a partir de então. Ter a capacidade de ler com mais atenção os olhos e os gestos da irmã. Seríamos as iguais. A que emprestaria a voz teria que percorrer com a visão os sinais do corpo da que emudeceu. A que emudeceu teria que ter a capacidade de transmitir com gestos largos e também vibrações mínimas as expressões que gostaria de comunicar [...] Ocupávamos o tempo com as apreensões do corpo da outra. No começo foi difícil, muito difícil [...] Com o passar dos anos, esse gesto se tornou uma extensão das nossas expressões, até quase nos tornarmos uma a outra, sem perder a nossa essência (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.23-24, grifos nossos).

Sobre as interações de segunda pessoa Pérez escreveu:

Por interacciones de segunda persona entendemos a aquellas situaciones en las que dos (o más) seres humanos se encuentran en una Interacción directa, cara a cara (o tal vez deberíamos decir cuerpo a cuerpo). En estas ocasiones percibimos directamente algunos de los estados mentales del otro individuo (por ejemplo, algunos de sus estados emocionales expresados en su rostro y tono de voz, las intenciones en el movimiento que se despliega, etc.). Son justamente las emociones la puerta de entrada a las otras mentes. En estas interacciones hay involucramiento afectivo, una actitud participativa (no distanciada), porque somos seres sociales que buscamos estar con otros y nos

¹³ Essa característica contrasta claramente de uma atribuição de terceira pessoa que é um estado mental sobre outro estado mental. Por exemplo: Ana crê que Cristina está querendo sair logo. Aqui o estado mental de Ana é sobre o estado mental de Cristina. No caso das atribuições de segunda pessoa, Ana se sente ansiosa por estar diante de Cristina, a qual está impaciente e apressada. Ana não precisa passar para o nível da crença, ela é emocionalmente afetada.

resulta gratificante interactuar con nuestros congéneres (PÉREZ, 2022, p.10-11)¹⁴.

Esta explanação sobre as interações de segunda pessoa quase que descreve totalmente a maneira como Bibiana e Belonísia interagem uma com a outra. É preciso admitir que a perspectiva de terceira pessoa é coerente e capaz de explicar boa parte das interações e atribuições de estados mentais nos seres humanos, porém não é tão básica e essencial quanto a de segunda pessoa.

Quanto a esta consideração, Martínez e Pérez (2021) acreditam que as três perspectivas são necessárias para que se possa abranger toda a complexidade das atribuições de estados mentais:

Sin embargo, hay otras perspectivas de atribución psicológica (las de primera y tercera persona) que son igualmente importantes en nuestras interacciones humanas. Son las tres perspectivas en juego las que permiten explicar con exhaustividad las complejas formas de comprensión mutua que desplegamos los seres humanos [...] (MARTÍNEZ; PÉREZ, 2021, p.26)¹⁵.

Considerações Finais

Na obra *Torto Arado*, de autoria de Itamar Vieira Júnior, a comunicação entre as irmãs Bibiana e Belonísia é um dos pontos centrais. Não é o principal, mas é um dos mais importantes. Por isso essa centralidade explicitada, por isso esse destaque. Há uma intenção do autor no desenvolvimento da linguagem para que a trama tenha sentido e possa se desenvolver.

Devido à sua centralidade no decorrer da citada obra e à relevância do tema para o avanço das pesquisas em torno da psicologia de senso comum, este exemplo em particular foi trazido para a pesquisa. A partir da narrativa sobre a comunicação desenvolvida pelas

¹⁴ Por interações de segunda pessoa entendemos aquelas situações nas quais dois (ou mais) seres humanos se encontram em uma interação direta, cara a cara (ou talvez deveríamos dizer corpo a corpo). Nestas ocasiões percebemos diretamente alguns dos estados mentais do outro indivíduo (por exemplo, alguns de seus estados emocionais expressados em seu rosto e tom de voz, as intenções no movimento que se desenrola, etc.). São justamente as emoções a porta de entrada para as outras mentes. Nestas interações há envolvimento afetivo, uma atitude participativa (não distanciada), pois somos seres sociais que buscamos estar com outros e é gratificante para nós interagir com nossos congêneres (PÉREZ, 2022, p.10-11, tradução nossa).

¹⁵ No entanto, existem outras perspectivas de atribuição psicológica (as da primeira e terceira pessoa) que são igualmente importantes em nossas interações humanas. São as três perspectivas em jogo as que permitem explicar com exaustividade as complexas formas de compreensão mútua que nós, os seres humanos, exibimos [...]

personagens, torna-se possível discutir a abrangência das perspectivas de atribuição de estados mentais às outras pessoas e a nós mesmos.

Entre as três perspectivas estudadas, é a de segunda pessoa a que consegue conciliar a maior gama de estados mentais aos quais um ser humano pode ter acesso, mostrando-se a mais abrangente e também a mais básica. Também, como foi demonstrado, conforme uma abordagem a partir da segunda pessoa, as perspectivas de primeira e de terceira pessoa são posteriores, de maneira que a primariedade da perspectiva de segunda pessoa surge mais uma vez.

Sendo assim, a partir de uma análise filosófica acerca do que se passa na comunicação entre algumas das personagens do romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, podemos afirmar que a perspectiva de segunda pessoa apresenta grande relevância e pertinência para a compreensão do mental. Além de ser necessária para a explicação da atribuição de emoções, ela é também a que consegue analisar as nuances mais tênues da comunicação humana. De fato, as interações de primeira e de terceira pessoas só são possíveis devido ao fato de que os seres humanos são capazes de realizar interações de segunda pessoa.

Referências

CHALMERS, David. **The conscious Mind**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

DAVIDSON, Donald. La externalización de La epistemología (1990). In: DAVIDSON. **Subjetivo, intersubjetivo, objetivo**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2003. p. 265-279. (Traducción de Olga Fernández Prat.)

DENNETT, Daniel Clement. The Interpretation of Texts, People and Other Artifacts. **Philosophy and Phenomenological Research**. v. 50, p.177-194, Supplement, autumn, 1990. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2108038>. Acesso em: 02 mar. 2018.

DENNETT, Daniel Clement. **Intuition Pumps and Other Tools for Thinking**. New York; London: Norton & Company, 2013.

FAGUNDES, Julina de Orione Arraes. Sobre estados mentais relacionais e *qualia*: o totalmente subjetivo não pode ser conhecido. In: TOLEDO, Gustavo Leal.; GOUVEA, Rodrigo; ALVES, Marco Aurélio Souza. (orgs). **Debates Contemporâneos em Filosofia da Mente**. São Paulo: FiloCzar, 2018.

GALLAGHER, Shaun. The Practice of Mind: Theory, Simulation or Primary Interaction? **Journal of Consciousness Studies**. v. 8. p. 83-108. jan-2001.

GOMILLA, Antoni Benejam.; PÉREZ, Diana. Mental Attribution in Interaction: How the Second Person Perspective Dissolves the Problem of Other Minds. *Daimon. Revista Internacional de Filosofía*, n. 75, p.75-86, set./out.2018.

GOULD, Stephen Jay.; LEWONTIN, Richard Charles. The Spandrels of San Marco and the Panglossian Paradigm: A Critique of The Adaptationist Programme. *Proceedings of The Royal Society of London*, v. 205, n. 1161, p.581-598, 1979.

JACKSON, Frank. What Mary didn't know. *The Journal of Philosophy*, v. 83, n. 5, p.291-295, maio 1986.

MARTÍNEZ, Isabel Cecilia.; PÉREZ, Diana Inés. La perspectiva de segunda persona y la música. *El oído pensante*, v. 9, n. 2, 14 oct. 2021.

NAGEL, Thomas. Como é ser um morcego? *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, v. 15, n. 1, p.245-262, jan./jun. 2005. (Publicado originalmente em 1974. Tradução de Paulo Abrantes e Juliana de Orione).

PÉREZ, Diana. **Sentir, Desear, Creer**: Una aproximación filosófica a los conceptos psicológicos. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2013.

PÉREZ, Diana. A Expressão das Emoções e a Segunda Pessoa (ou quanto podemos saber da mente do outro através de sua expressão). *In: TOLEDO, G. L. ;GOUVEA, R.; ALVES, M. A. S. (orgs.). Debates Contemporâneos em Filosofia da Mente*. São Paulo: FiloCzar, 2018.

PÉREZ, Diana. La segunda persona y la teoría de la mente. *Revista Ideação*, Feira de Santana, n. 45, p.4-18, jan./jun. 2022.

RYLE, Gilbert. **The Concept of Mind**. New York: Routledge, 2009. [Publicado originalmente em 1949]

SELLARS, Willfrid. **Empiricism and the philosophy of Mind**. Cambridge; London: Harvard University Press, 1997. [Publicado originalmente em 1956]

SILVA FILHO, Waldomiro José. Davidson, Sócrates e os instrumentos da Filosofia. *In: DAVIDSON, Donald. Ensaios sobre a verdade*. São Paulo: Unimarco Editora, 2002. (Organizado por Paulo Ghiraldelli Jr., Pedro F. Bendassolli e Waldomiro José da Silva Filho. Tradução de Pedro Fernando Bendassolli)

TOMASELLO, Michael. **A Natural History of Human Thinking**. Cambridge; Massachusetts: Harvard University Press, 2014.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores) [Tradução de José Carlos Bruni. Publicado originalmente em 1953].

ⁱ Dra. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/DFCH. Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

E-mail: joafagundes@uesc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9823-5910>

ⁱⁱ Graduado em Licenciatura em Filosofia. Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/DFCH. Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

E-mail: valdoap@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6691-5017>

Recebido em 30/10/2022

Avaliado em 15/12/2022



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)